



CONSTRUÇÕES DE GÊNERO EM LIVROS DIDÁTICOS DE PORTUGUÊS DO 8º ANO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Renan Fernandes de Souza¹ (Pibic/CNPq), Guilherme Figueira-Borges (PQ)

¹rfouzza@gmail.com

Universidade Estadual de Goiás, Campus Central, Unidade Universitária de Anápolis - Cseh - Nelson de Abreu Júnior

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar materialidades linguístico-visuais de um livro didático de Português (LDP) adotado em uma escola pública de Anápolis-GO, no ano de 2020. Para tanto, inscrevemo-nos no campo da Análise do discurso. Como o LDP se encontrar numa posição nevrálgica de conhecimento nas aulas de português brasileiro, o material didático adotado pode atuar como ferramenta de (re)produção de discursos que cerceiam e deslegitimam a construção de uma sociedade menos opressora para as mulheres, os negros, etc.

Palavras-chave: Discurso, Livro Didático, Gênero, Português.

INTRODUÇÃO

O ensino-aprendizagem de língua portuguesa tem se ancorado, nas escolas públicas do Brasil, no Livro Didático de Português (doravante, LDP) enquanto um suporte pedagógico que auxilia o professor em suas práticas cotidianas. A partir do momento em que o livro didático encontra-se em uma posição nevrálgica no ensino de português, percebe-se sua potencialidade como ferramenta que possibilita um outro desenvolvimento de leitura do mundo pelos alunos.

Nesse sentido, este artigo tem por objetivo analisar materialidades linguístico-visuais de um LDP do 8º ano do ensino fundamental, adotado em uma escola pública de Anápolis-GO. Para tanto, ancoramo-nos na Análise do Discurso (AD), notadamente, nos construtos teóricos de Foucault (2012) em diálogo com outros autores que estudam a especificidade do LDP como, por exemplo, Grigoletto (1999), Borges (2012), Figueira-Borges e Mendes (2017); Luterman, Figueira-Borges e Souza (2018); Figueira-Borges e Sousa (2020).

Procurar compreender a construção de gênero presente no LDP envolve reconhecer a sua relevância na construção identitária dos sujeitos alunos no espaço escolar, apresentando práticas corporais cristalizadas/legitimadas/propagadas para as mulheres e os homens na sociedade brasileira contemporânea. Nesse sentido, o LDP, portanto, não pode ser pensado enquanto um instrumento fechado/homogêneo/imutável, já que ele evidencia, pelo contrário, um funcionamento discursivo heterogêneo que remarca uma multiplicidade de relações possíveis a partir do seu manuseio na sala de aula. A partir das materialidades linguísticas visuais do LDP é possível trabalhar construções de gênero, de raça e de classe na aula (FIGUEIRA-BORGES; MENDES, 1997).

Neste estudo, procederemos à démarche teórico-analítica que visa primeiro discutir o método de análise no campo da AD e a composição dos corpus de pesquisa. E, em momento ulterior, apresentaremos os resultados e discussões acerca das construções de gênero em um livro didático do 8º ano da educação básica.





MATERIAL E MÉTODOS

Na perspectiva Foucaultiana (2012), o discurso precisa ser compreendido, para além do senso comum o qual o subordina à fala, devendo ser compreendido enquanto o que torna possível que determinados enunciados produzam sentidos. Os enunciados devem ser lidos, elevando-se indagações tais como: a) qual sujeito enuncia? b) A quem o enunciado se destina? Quais sentidos são instaurados na enunciação?. Outrossim, na perspectiva Foucaultiana, o discurso atende, como ferramenta, à construção de uma sociedade, definindo, portanto, as presenças e ausências dentro de um sistema.

Destarte, o presente estudo objetiva possibilitar, sem a intenção de esgotá-los, olhares outros para os discursos que emergem em materialidades linguístico-visuais presentes no LDP da educação básica. Nesse sentido, nas análises buscaremos evidenciar discursos de gênero e de raça que emergem por meio de elementos como posicionamentos corporais, vestimentas utilizadas pelos sujeitos, espaços nos quais os sujeitos estão inscritos, dentre outros.

Assim, as imagens selecionadas como *corpus* de análise foram recortadas do LDP a partir de interpelações geradas a nossa constituição de sujeito. A seleção do corpus, na Análise do Discurso, tem um caráter subjetivo e não subjetivista. Subjetivo porque aponta para os jogos de identificação do sujeito analista. E não é subjetivista porque não é toda seleção que é possível, a delimitação do *corpus* diz respeito a uma construção de regularidades do olhar lançado para o mundo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Souza (2010) lança o olhar para o LDP como um monumento. Sugerindo que a abordagem do livro didático, por parte dos educadores, tem sido feita predominantemente como o “documento”, ou seja, de modo fechado, uniforme e contendo uma verdade sobre o funcionamento da língua. A autora lança o olhar para livros didáticos de ensino de Língua Materna e Língua Estrangeira, no contexto de escolas de 1º e 2º grau. Destaca-se, na visão apresentada, que fica evidente a perda da qualidade de um material didático que vem se mostrando inadequado e inerte ao pensamento crítico, a observação e análise e, principalmente, a aquisição da autonomia do pensamento. Manifesta-se, assim, o fenômeno de Livro Didático “Muleta” quando o professor se sente inseguro quanto ao seu preparo profissional. A autora afirma que a postura do professor deveria ser outra: uma atitude crítica em relação ao livro didático, buscando questionar a respeito da adequação do material à determinada realidade de ensino.

SOUZA (2010) ainda elenca que o contexto escolar não conseguiu abrir mão do paradigma da transmissão de conhecimento através do livro didático, demarcando abordagens que o coloquem como fonte única e universal de referência para a sala de aula. Fato que o caracteriza como um documento “detentor” de um saber já posto, a ser resgatado, autossuficiente e que se basta.

A partir do pensamento foucaultiano, Souza (2010) argumenta que a história mostra mudanças de atitude em relação ao tratamento dado ao documento, o que evidencia que a abordagem do livro didático de português pode ser outra. O estudo sugere que embora se observe uma adoção cada vez maior por material didático





“avulso”, a tentativa de ruptura com os padrões do livro didático esbarra na própria tradição e herança da história do ensino no Brasil. Há a continuidade de utilização de material didático; monótono (apresentando “textos desinteressantes”); redundante (abordando quase sempre os mesmos temas) e de caráter limitador (unidades ou capítulos inteiros para enfoque em um aspecto gramatical apenas, por exemplo). Fatos esses que colocam a responsabilidade (até certo ponto) do livro didático pelo fracasso do sistema educacional Brasileiro.

Grigoletto (1999), por outro lado, destaca o caráter homogeneizante do LDP o que causa, de certo modo, um efeito de uniformização nos alunos que são levados a fazer a mesma leitura, a chegar nas mesmas conclusões e/ou reagir aos textos de uma única forma. A repetição de uma estrutura comum a todas as unidades, com tipos de seções e exercícios que se mantêm constantes por todo o livro são elementos que contribuem para a homogeneização. Além dessas características já citadas, convém destacar também a apresentação das formas e dos conteúdos como naturais, criando-se o efeito de um discurso cuja verdade já está dada. Esta organização do material didático resulta em um discurso de verdade, sendo esse (ilusoriamente) que se estabelece como um lugar de completude dos sentidos.

Sendo evidente, em alguns manuais, uma série de perguntas de compreensão que conduzem o aluno. Entretanto, essas já são frutos de uma interpretação: a do autor. Propondo se uma única leitura para todos, tentando convencer o leitor a pensar como ele, demandando do aluno a simples reprodução de palavras ou frases. Grigoletto (1999) percebe em sua análise que há uma característica primordial no livro didático: a busca pela Ordem e linearidade. Na intenção de tornar o sujeito a qual se destina: um indivíduo despido de ambiguidades ou heterogeneidade. Acreditando que se possa entender a busca de saturação dos sentidos (o quê, quem, por quê, para quê, o que o autor quis dizer?) como decorrente do viés ideológico de preservação da transparência, homogeneidade e completude da linguagem do sujeito.

Consideramos relevante destacar que temos, em relação ao LDP, um posicionamento distinto da homogeneidade destacada por Grigoletto (1999), uma vez que pensamos o

[...] LDP como um feixe de representações que despertam percepções outras nos sujeitos dando a eles um lugar de pertencimento. Sujeitos esses que estão em contato com materialidades linguístico-visuais e são guiados por verdades construídas e legitimadas historicamente. Os alunos são envolvidos a verdades naturalizadas em práticas sociais e que estão entrelaçadas nas tramas textuais trabalhadas pelos professores em sala de aula. Estas considerações formam um pressuposto para pensarmos a construção das identidades de gênero no material didático. (SOUSA, SANTOS, OLIVEIRA, FIGUEIRA-BORGES, 2021, p. 125)

Nesse sentido, consideramos que o LDP apresenta uma materialidade heterogênea que possibilita redes de interpretações nos, e, para os alunos. É a partir desse prisma que nos propomos lançar o LDP intitulado “Se liga na língua: Leitura, produção de texto e linguagem”, de Ormundo e Siniscalchi (2018), adotado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) no período de 2020-2023. Encontramos manifestações discursivas que moldam e inserem (ou não) a pluralidade dos corpos no LDP e as suas ocupações ou limitações de espaços bem





como as possibilidades de subversão dos recursos linguísticos no material em questão que (re)forçam arranjos sociais excludentes a determinados marcadores sociais. Nota-se que o livro didático em questão apresenta materialidades que podem passar despercebidas, como nos orienta louro (2014), mas acabam por perpetuar e disseminar limitações de acesso a espaços de acordo com marcadores sociais limitantes a determinados corpos.

Um dos fatores percebidos na análise é que o material didático em questão é totalmente confeccionado em linguagem de gênero nobre masculino principalmente nas adjetivações (advogado, esperto, país...) e nas pronominalizações (seus, eles, aqueles...). A linguagem utilizada apenas com o gênero nobre masculino sutilmente alimenta e maquia o machismo tão evidente na sociedade e que acaba por ser presente em sala de aula. Onde o corpo feminino está condicionado a uma subordinação ao corpo masculino.

De mesma forma, deve ser levado em conta a não paridade com a heterogenia social presente nos espaços fora da escola. O material didático analisado faz uso de recursos imagéticos que perpetuam uma homogenia social desejada pelas classes dominantes e conservadoras. Uma dicotomia heteronormativa ancorada no gênero masculino que coloca homens/meninos em posição e destaca em relação às mulheres/meninas; corpos brancos em favorecimento em relação aos corpos negros/pretos e às escassas ocorrências (nos LDP) de corpos indígenas, LGBTs ou PcD (pessoas com deficiência).

Entendemos de forma mais ampla como os marcadores sociais dos discentes podem ser trabalhados em sala de aula, mesmo que a materialidade discursiva do LDP não os evidencie. Como o livro didático pode se construir como um ponto de partida de conhecimentos plurais. Uma vez que compreendemos a pluralidade de indivíduos em sala de aula como solo fértil para a formação de uma sociedade mais fraterna, acolhedora e isonômica. Essa questão pode ser percebida quando o LDP traz saberes sobre a periferia.

Imagens 01: A Periferia

RAP: o grito da periferia

Você ouve rap? O rap é um dos gêneros textuais poéticos, além de ser um tipo de música. Assim como as cantigas medievais eram poemas feitos para serem cantados e acompanhados por instrumentos musicais, também o rap é formado de versos e associado à música.

Conheça um rap composto pelo músico MV Bill, que trata de relações sociais.

Leitura 1

Junto e misturado

1 Tem muita munição pra quem pensa que acabou
Tamo junto e misturado, a força multiplicou
Criação feita com emoção, tô aqui
Na linha de frente da quadrilha do EMIVI

5 Eu, Kmila, não precisei entrar na fila
Tem mina que não assimila
Vai ficar para trás, tenho mais
Como objetivo, o rap é meu incentivo
Não rendo homenagem a quem tem o papo negativo

10 É só por isso,
O meu compromisso, ocupar o que é meu e não sair no prejuízo
Faço da minha fé meu combustível
E sei que quem não bota a cara fica invisível
Incrível, que nível

15 Sou mais um elo da corrente

Minhas armas, lealdade, toca-disco e *headphone*
Quem não tá puro fica fora
É nós agora

70 Vitória a quem fez a sua hora
Fico tranquilo quando estou com meus irmãos
Mostro minha satisfação usando minhas mãos
Sem comédia, estilo original

75 Respeito a quem merece e procede na moral
É nós agora
Vai ficar de fora se tiver mandado
Pro rato o portão vai tá sempre fechado
Vida longa a quem não ficou parado

80 Conte comigo sem receio, tô no meio e tô misturado

Tamo junto
O bonde tá formado eu sou o elo da corrente que é ruim de quebrar
Tamo junto
Se quer subtraír, fique por aí, se não tiver a fim de somar

85 Tamo junto e misturado
É lado a lado
Tamo junto e misturado
É lado a lado
Tamo junto e misturado
90 É lado a lado
Tamo junto e misturado

MV Bill. Junto e misturado. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/mv-bill/junto-e-misturado.html>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

De quem é o texto?
Foto de 2017.
Alex Perreira Barbosa, conhecido pelo nome artístico de MV Bill (1974-), é um rapper, ator e ativista social nascido no Rio de Janeiro (RJ). As iniciais MV, de seu nome artístico, foram dadas por senhoras religiosas da comunidade onde o artista vive, a Cidade de Deus, na capital fluminense, e significam "Mensagem da Verdade", já que ele se dedica a mostrar a realidade das favelas e a denunciar a tragédia dos jovens envolvidos com o tráfico de drogas.

Sabia?
O rap faz parte da cultura hip-hop, que chegou ao Brasil no final da década de 1970. Outras manifestações artísticas dessa cultura são a breakdance, como dança, o grafite, como arte gráfica.

MV Bill e a cantora Kmila CDD, irmã dele. Foto de 2017.

Fonte: ORMUNDO & SINISCALCHI, 2018, p. 58-60.





Nas imagens 01, representadas acima, há a proposta de leitura da música “Junto e misturado”, composta e interpretada por MV Bill. Vemos o enunciado “grito de periferia”, evidenciando uma prática possível para os corpos negros/pretos e pobres. A segunda imagem traz uma espécie de “apresentação” do cantor e compositor MV Bill, contendo em seu corpo textual complementos como “morador de favela”, “tragédia” e “tráfico de drogas”. Tais imagens, portanto permitem-nos questionar sobre a materialidade linguística discursiva no que diz respeito à representação dos corpos pretos no livro didático de língua portuguesa (LDP). A perpetuação de discursos linguísticos-imagéticos os quais limitam estes corpos no LDP em questão, trazem imagens e textos que “buscam” problematizar a representação dos mesmos no LDP em questão. Há a construção do corpo negro/preto à margem da sociedade “normalizada”. Convém demarcarmos também a inferiorização do corpo feminino, haja vista que a “Kmillla CDD” é nomeada como “irmã de MV Bill” o que demarca uma existência para ela (enquanto mulher) subordinada ao irmão (figura masculina).

Imagem 02:

A foto ao lado registra um dos momentos da *Gala de Aniversário de 17 anos do Balé Bolshoi no Brasil* (2017), evento realizado na cidade catarinense de Joinville. O Balé Bolshoi foi fundado em 1776, na Rússia, e é uma das maiores companhias de dança do mundo. Sua principal marca é o rigor técnico dos bailarinos.

- 1 De que forma os figurinos usados pelos bailarinos demonstram que se trata de um balé clássico?
- 2 Compare as posturas corporais dos artistas do Bolshoi com as do TF Style Cia. de Dança.
- 3 Você percebe, vendo o casal, o contraste entre o esforço feito pelos bailarinos e a impressão de leveza indicado pelo coreógrafo Rodrigo Pederneras? Justifique sua resposta.

Biblioteca Cultural
Acesse o site da escola Bolshoi e assista a coreografias como a *Valsa Moszkowski* dançada pelo Balé Bolshoi de Joinville.

A foto ao lado retrata o *Bacnaré*, um espetáculo do Balé de Cultura Negra do Recife. A companhia existe desde 1985 e suas apresentações já percorreram o Brasil e vários outros países. Inclusive, recebeu 175 prêmios internacionais.

- 4 Descreva o movimento da bailarina em destaque.
- 5 Observando esse movimento e os músicos ao fundo, como você imagina a experiência sensorial do público?
- 6 O Balé de Cultura Negra do Recife pesquisa coreografias e ritmos de nações africanas e da herança da cultura negra no Brasil. Como você reconhece essa marca no espetáculo?

Fonte: ORMUNDO & SINISCALCHI, 2018, p.86

As imagens 03, abre uma possibilidade de discussão sobre a relevância social da dança a partir da descrição do ballet russo Bolshoi e do grupo grupo do balé de cultura Negra do Recife. A primeira coisa que nos perguntamos foi, qual o espaço destinado a cada um dos balés na espacialidade da página? É nítido, de mesma forma que a imagem do ballet Bolshoi dispõe de mais espaço que a imagem do “grupo de cultura negra”, contendo inclusive um box intitulado “biblioteca cultural”. Esse box, vincula o ballet russo à cultura, o que não vemos no caso do grupo de Recife.

É perceptível, também, na materialidade linguística, a utilização do termo “técnica” para o ballet Bolshoi e o termo “herança” para o “grupo de cultura negra”. Recursos linguístico-discursivos que podem enraizar assim o termo “técnica”





somente ao grupo de dança branco (Bolshoi) e inviabilizando a construção de sentido para o termo “técnica” que existe tão bem quanto no outro grupo mencionado. Assim, visualizamos o pode configurar como cultura dos corpos pretos a partir das disposições de recursos discursivos e imagéticos presente na espacialidade do LDP.

Imagem 05: Gênero

Leia esta tirinha do quadrinista roraimense Armando Vitor.

Turma da Jurema

Armando Vitor

a) O que leva a amiga de Jurema a concluir que a casa havia sido invadida?
b) A resposta de Jurema é coerente com o comentário da amiga? Justifique sua resposta.
c) Por que a amiga de Jurema optou por empregar o sujeito indeterminado para o relato da ação?
d) Suponha que ela dissesse “Acho que alguém invadiu sua casa e revirou tudo!”. Haveria alteração no tipo de sujeito? Explique sua resposta.

Fonte: ORMUNDO & SINISCALCHI, 2018, p.181 e 226.

Imagem 06: Gênero.

Isso eu ainda não vi **O vocativo**

Existe um termo da oração que é independente. Ele é, inclusive, isolado por vírgulas. Trata-se do vocativo.
Leia o cartum e responda às questões para estudar esse termo.

1 Descreva como foi grafada a palavra *mãe* no cartum. Depois, explique o que isso indica quanto à maneira como o vocábulo foi dito.
2 Relacione essa forma de a criança dizer *mãe* às ações da mulher.
3 Explique por que o humor do cartum é resultado de uma quebra de expectativa e de um contraste de sentimentos dos personagens.

As imagens 05 e 06, localizadas nas páginas 181 e 226, respectivamente, apresentam-nos possibilidades de reflexão a respeito dos papéis de gênero que são estabelecidos em nossa sociedade e acabam por ser propagados no espaço escolar como ocorre neste LDP. Na imagem 05, as crianças da charge se inscrevem em um discurso, em que as meninas não podem – ou pelo menos, não devem – desorganizar a casa, o que justifica a perguntar da personagem. Cabe ressaltar que o exercício diz respeito à “indeterminação do sujeito”, entretanto, apesar de o sujeito ser indeterminado, é inferido que ele seja menino pelo jogo de representações construído.

A imagem 06, por sua vez, pertencendo ao teor gramatical de vocativo, utiliza-se de uma tirinha que performa o papel de assistência doméstica imposto às mulheres na condição de mães. O direcionamento dos indivíduos, em construções identitárias, faz com que a mulher seja colocada em posições de apoio, de assistência, de cuidado, de educação e de atividades de princípio doméstico bem como o homem nas áreas de gestão, decisão, negócios e raciocínio. Ainda na página 226, especificamente no exercício 03, o corpo textual utiliza dois exemplos para o diálogo a respeito da conceituação do vocativo. São eles: “mãe, você comprou Pão?” e “Vamos, curitibanos, cuidar da nossa cidade”. Assim, esses dois exemplos figuram como recursos linguísticos que estabelece o mundo doméstico e função de assistência às mulheres; e o mundo público ao gênero masculino que “endossa” uma ideia de totalidade.

De acordo com Louro (2014, p. 45), “os gêneros se produzem nas e pelas relações de poder”. A linguagem, conforme afirmação da autora, não apenas institui, bem como demarca os lugares dos gêneros: o mundo público masculino e o mundo doméstico feminino. Estabelece-se assim, a relação de poder da dicotomia em que o homem sai para o mercado de trabalho para a realização de atividades de gestão,





decisão, negócios e outras atividades relacionadas ao poder. Enquanto a mulher deve exercer funções ligadas, diretamente, ao serviço doméstico e maternal, aproximando-a do “serviço de casa”. Os recursos imagéticos utilizados nas imagens em questão, demarcam espaços possíveis para os corpos femininos de acordo com as construções identitárias de gênero vigentes na sociedade brasileira (Figueira-Borges, 2018). Assim, o mundo doméstico “normalizado” no discurso do LDP em questão, pertence às mulheres brancas, cis gênero e heterossexuais. Negando aos estudantes, assim, a construção de uma pluralidade pertencente ao coletivo feminino em suas raças, crenças, sexualidades e identidades dentro do ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos realizados para confecção deste trabalho de pesquisa, concluímos que o campo de análise do conteúdo discursivo presente no livro didático de ensino de linguagens do português é vasto e profícuo para a construção de debates e diálogos que objetivem um ensino de linguagens concatenado à realidade e à demanda da sociedade que compõe a escola.

As inquietações que possibilitaram esse estudo devem ser encaradas como ferramentas de rompimento para com os discursos que tecem o tecido social de forma a atender os interesses de uma classe economicamente dominante. Podendo estes serem, ingenuamente, reproduzidos ou, criticamente, reverberados nas aulas de linguagens do português em contexto de escola pública do ensino fundamental.

As materialidades encontradas possibilitam inquietações e diálogos capazes de romper com a hegemonia social que se manifesta, de forma sutil, no discurso. Permitindo-nos pensar que o ensino de português, em contexto de escola pública do ensino fundamental, pode dialogar como uma ferramenta de reprodução dos arranjos sociais excludentes ou como ferramenta de rompimento com uma sociedade que garante privilégios a uns e violências estruturais e estruturalizantes a outros corpos. Assim, teremos um ensino mais responsivo às demandas sociais (Sousa, Santos, Oliveira, Figueira-Borges, 2021).

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo fomento ao Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID/UEG).

REFERÊNCIAS

BORGES, Guilherme Figueira. Considerações sobre a relação da língua (portuguesa) e constituição de sujeitos (alunos). **Domínios de Linguagem**, v. 6, n. 1, p. 29-43, 27 jun. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Fundamentos pedagógicos e estrutura geral da BNCC**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso em: 03 de novembro de 2021.





FIGUEIRA-BORGES, Guilherme. Notas sobre linguagem, corpo e homossexualidade. **Revista Sapiência**: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais, Iporá, v. 7, n. 1, p. 21-40, 2018.

FIGUEIRA-BORGES, Guilherme; MENDES, Lauriane Guimarães. Construções do corpo negro em Livro Didático de Língua Portuguesa. **Revista Ícone**, Revista de divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura. Volume 17- Novembro de 2017- ISSN 1982-7717.

FIGUEIRA-BORGES, Guilherme; SOUSA, Ramon Diego Viana de. Discursividades em livros didáticos de português a partir da análise de construções de identidade de gênero. **Revista Coralina**, Cidade de Goiás, vol. 3, n. 1, p. 54-70, jul./2020.

GUILHERME, M. F. F. Línguas Estrangeiras: Ensino-aprendizagem e formação política de professores. In: FIGUEIRA-BORGES, G.; SILVA, M. A. **Ensino de Línguas em Diferentes Contextos**. São Paulo: Pontes Editores, 2017, p. 15-28.

GRIGOLLETO, M. Leitura e Funcionamento Discursivo do Livro Didático. In: CORACINI, M. J. **Interpretação, Autoria e Legitimação do Livro Didático**. São Paulo: Pontes Editores, 1999, p. 67-78.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 16° ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

LUTERMAN, Luana Alves; FIGUEIRA-BORGES, Guilherme; SOUZA, Agostinho Potenciano de. Análise discursiva da tridimensionalidade do livro pop-up. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 8, n. 2, p. 39-54, maio/ ago. 2018.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua; Leitura, produção de texto e linguagem**. 1° ed. São Paulo: Moderna, 2018.

SOUSA, Ramon Diego Viana; SANTOS, Sueli Paiva dos; OLIVEIRA, Bruno Machado Oliveira; FIGUEIRA-BORGES, Guilherme. Livro didático de português e delimitação de identidade de gênero: possibilidades de análise. **Cadernos Discursivos**, Catalão-GO, v. 1, n. 1, p. 122-137, 2021.

SOUZA, D. M. de. Do monumento ao documento. In: CORACINI, M. J. **O Jogo discursivo na aula de leitura**. São Paulo: Pontes Editores, 2010, p. 103-112

